

Brasil vai enfrentar jogo duro com o Clube de Paris

Fritz Utzeri

Correspondente

Paris — As negociações com o Clube de Paris, marcadas para a próxima segunda-feira, afastam-se hoje, rapidamente, do tom triunfalista cantado, no final do ano pelas autoridades monetárias brasileiras. Os credores oficiais do Brasil, apreensivos, vem acompanhando a evolução da situação econômica do país e, ao que tudo indica, deverão endurecer sensivelmente as discussões com a delegação brasileira.

Segundo uma fonte ligada ao Clube, até mesmo a hipótese de um adiamento da reunião, como já teria sido levantado em Brasília, não seria vista com desagrado em Paris. "Se as autoridades brasileiras quiserem adiar a reunião, nós estamos de acordo", acentuou a fonte, acrescentando que a disposição atual dos membros do Clube é reescalonar os atrasados de 1986, sem aceitar qualquer renegociação plurianual.

Quando os países credores do Brasil resolverem pôr de lado a exigência de um acordo prévio com o FMI para negociar com o Brasil, as autoridades monetárias brasileiras atuaram como se o acordo já estivesse fechado, falando em vitória e procedendo como se o acordo a ser discutido na semana que vem fosse, necessariamente, equivalente ao obtido por outros países, como o México e a Nigéria. Hoje em Paris, afasta-se a hipótese do Brasil conseguir condições melhores ou até mesmo iguais às do México para renegociar a sua dívida.

Já em dezembro, durante a reunião ordinária do Clube, observava-se em Paris uma certa reticência de alguns países credores,

como a Inglaterra e a Holanda, classificados como "duros" e que só a contragosto aceitaram a renegociação sem o aval do Fundo Monetário Internacional. Hoje, com a deterioração rápida da situação econômica brasileira, a queda das reservas, os maus resultados da balança comercial, a volta da inflação e com as tensões percebidas no seio da própria equipe dirigente da economia brasileira, aumentaram as reservas dos negociadores.

Tradicionalmente, ao marcar a reunião de renegociação de segunda-feira, após a reunião ordinária de dezembro, os membros do Clube passaram a fazer o chamado "dever de casa", isto é, trocaram e colheram informações, preparando a sua pauta de negociações. Nesse ponto, as resistências se cristalizaram, a ponto de um membro do Clube afirmar textualmente que o Brasil não terá condições de voltar ao mercado financeiro internacional, sem antes demonstrar que tem condições de pagar o que já deve, no caso do Clube de Paris, os atrasados correspondentes a 86 e que estão depositados no Banco Central.

A dificuldade das negociações, que já é admitida pelo Brasil, poderá perturbar ainda mais a renegociação com os bancos credores em Nova Iorque. Os bancos, tradicionalmente, são ainda mais duros que o Clube de Paris. Na capital francesa, pelo menos, na reunião de segunda-feira há uma certeza: a de que uma vez iniciado o encontro algum tipo de acerto sairá do outro lado. O que resta saber agora é que tipo de acordo o Brasil conseguirá. O que parece certo hoje é que os credores não reservam boas disposições ou boas surpresas para nosso país.